

Carolina Beatriz Ângelo: cúmplice e conspiradora

Isabel Lousada

Investigadora Faces de Eva, CesNova, FCSH, UNL

Uma exposição em torno da vida e obra de uma notável mulher começa desde logo por interpelar pela dinâmica e pela envolvente. Perscrutando os núcleos que constituem a coluna dorsal e estruturante da exposição atingimos, agora com maior alcance, a dimensão de uma vida sobejando de intranquilidade criadora e de entrega, aqueles a quem a sua vida doou.

São muitos os testemunhos que a imprensa regista acerca dos feitos que a soltam e lançam além fronteiras, “a sufragista prática”, a primeira mulher a votar na Península Ibérica. Entrevistas publicadas à época deixam mostrar como internacionalmente este acto reforçara as ligações internacionais e permitiriam abrir novas frentes de combate e renovados apoios às sufragistas portuguesas.

Contudo, de si mesma nos revela outros dados, parecendo legar às gerações futuras um auto-retrato desenhado com diferente profundidade que não teve eco nem paralelo nessa mesma imprensa.

A correspondência de Carolina, ou melhor dizendo, parte das cartas trocadas entre si e outros vultos tocam-nos particularmente e são fonte inestimável. Com Ana de Castro Osório, par de tantas lutas, e que entretanto partira acompanhando seu marido Paulino de Oliveira, em missão no Brasil, nomeado Cônsul de Portugal em S. Paulo, a quem se dirige como “minha querida Ana”, troca a última das missivas que lhe conhecemos. Precisamente nessa carta, o que não deixa de ser sintomático, dá a conhecer a apreciação favorável que faz de Brito Camacho a par do desencanto pelo então Presidente Manuel de Arriaga. Em tom confessional como o fizera também antes, afirma: “parece-me que agora sempre me resolverei a publicar alguns artigos de propaganda. A questão é começar”. O infortúnio de sua precoce morte inviabilizou a verbalizada determinação. Pena que assim tenha sido.

Curiosamente será o periódico *A Luta*, dirigido por Brito Camacho, um dos primeiros jornais do país, a noticiar de forma perene o seu trágico desaparecimento. Vítima de síncope cardíaca

“tendo-se sentido mal quando, de eléctrico, regressava a sua casa” depois de ter assistido a uma reunião “de senhoras feministas, a que presidira. A custo subiu a escada¹, e finou-se sem chegar a recolher ao leito².”

Assumida republicana, livre-pensadora e laica, avessa ao luto, rejeitou cerimónias e exéquias fúnebres, tendo expressamente afirmado pretender: “desejo que me seja feito enterro civil, e, por ser esta a minha espontânea e consciente vontade, quero que fielmente se cumpra. [...] Quero, como já disse, enterro civil e em tudo democrata.”³

A notícia de sua morte convocando para acompanhar o enterro, na véspera da celebração do primeiro aniversário da República, é assinada, entre muitas, por Adelaide Cabete, a quem a uniam os laços da cumplicidade e da conspiração. Nela podemos ler: “Convido todas as associadas do Grémio Humanidade a incorporar-se no funeral da nossa querida ex-presidente Carolina Beatriz Ângelo que se realiza hoje. A presidente, Adelaide Cabete.”⁴

Maria Laura Monteiro Torres é quem assina a rubrica do seu passamento⁵. Tal facto não é de estranhar, pois desde a primeira hora tinham estado lado a lado, na luta pela emancipação da mulher, se mais não fosse ao tornarem-se sócias fundadoras da Associação de Propaganda Feminista (APF) e, mais adiante ainda, numa altura em que os ânimos se exaltavam pela propaganda ao voto, Maria Laura, bem dentro do espírito da APF, esteve ao lado de Carolina Ângelo e de Ana de Castro Osório que se batiam pelo voto restrito, opondo-se ao movimento encabeçado pela Liga, mormente por Maria Veleda, que afirmará:

“O triunfo obtido pela Sr.^a D. Beatriz Ângelo, não foi colectivo, mas sim pessoal; não representou a vontade de uma minoria, mas tão-somente a persistência da distintíssima médica. Dependeu do acaso de uma sentença e nada mais! Por nossa parte, estimaríamos que tivesse havido luta, que a propaganda feminista tivesse triunfado do preconceito por uma forma brilhante – pondo em evidência o talento, a coragem, a ilustração de muitas mulheres que se dedicassem à mesma causa.”⁶

De modo tão equidistante se pronunciaria Laura Monteiro Torres:

“Agora, que para sempre se apagou a luz brilhantíssima do seu talento, agora, sem a sua lúcida inteligência, sem o seu espírito conciliador, como vai ser difícil a nossa tarefa! Que pesada herança ela nos legou!”⁷ Consciente da irreparável perda para os movimentos femininos portugueses dessa “querida e inolvidável amiga” não obstante, nota os sacrifícios e

a árdua batalha para singrar profissionalmente, como nos deixa saber: “através de uma vida de luta e de trabalho, para conquistar o lugar que no mundo da ciência ocupava, o seu espírito não se materializou, e, embora por muitas vezes tivesse transposto as portas da dor, a sua alma conservou-se terna e delicada, bondosa e pura, sem laivos de cepticismo; ingénua quase.”⁸

Não fora afinal esse o “bom combate” que chamaram a si, em ideais, as obreiras feministas?

As qualidades de Carolina foram justamente louvadas por inúmeros testemunhos dos quais salientamos:

“Excepcionalmente inteligente, estudiosa e com uma decidida vocação para a carreira científica que escolheu [...] é uma médica distintíssima, tendo granjeado as mais vivas simpatias desde o início da sua vida de estudante. Acompanhando o movimento feminista em Portugal, é membro da Liga da Paz e foi indigitada para reger a cadeira de Higiene Infantil na futura Universidade Popular.”⁹

A conciliação da vida profissional, pessoal e familiar, foi-a conseguindo à custa de sacrifícios, mas também suportada na partilha. O covilhanense e casapiano Januário, seu primo e colega médico, foi o escolhido para com ela partilhar os oito anos de vida em casal. Embora a ligação de ambos ao aderirem à Associação do Registo Civil impedisse o sacramento, a vida encarregar-se-ia de os manter unidos, até que a morte os separasse. Fruto dessa união nascera Maria Emília Ângelo Barreto, a qual assistira à precoce e sucessiva morte de seus pais¹⁰, no curto intervalo de 16 meses.

“Do seu casamento com o Dr. Januário Barreto, seu primo, deixou a ilustre uma encantadora filhinha de oito anos. A interessante criança ficou entregue aos cuidados de sua avó materna que decerto espera encontrar na sua gentil netinha todas as raras faculdades intelectuais que distinguiam a sua chorada filha, arrebatada pela morte em pleno vigor da vida.”¹¹

De facto, a história preconizada acabaria por concretizar-se. Maria Emília viria a ter distinta carreira, como professora efectiva no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, depois de ter concluído brilhantemente toda a preparação conducente ao lugar de docente do ensino liceal público. Não se eximiu às provas e exames, ainda que complementares, como o processo desta emérita permite constatar¹².

O relato então feito em jeito de síntese no *Almanaque das Senhoras* revela outras qualidades assinaláveis a Carolina que, “sendo uma feminista apaixonada e uma propagandista entusiasta” se interessou ainda e “sempre por assuntos literários e escreveu uma comédia que foi representada com êxito na cidade da Guarda, sua terra natal, em récita de caridade”.¹³

Para além das faculdades sumamente reconhecidas aplicou-se no estudo vindo a tornar-se reputada médica cirurgiã a que sempre acrescentou a sua fama de benemérita.

Por ocasião de sua morte podemos recolher fragmentos biográficos elucidativos do seu percurso:

“Foi interna no Hospital Estefânia onde coadjuvou e realizou várias operações com o conhecido médico Sabino Coelho”¹⁴ Estes dados são corroborados pela inscrição que deles é feita também na sua dissertação, *Prolapsos Genitais*.¹⁵ No final, para além dos estudos de caso que apresenta colhidos ao longo do seu internato, são relevados alguns passos do seu trajecto académico-profissional. Os mesmos podem ser lidos mais adiante ou noutras fontes, com o intuito de iluminar aspectos fundamentais da sua vida: “Frequentou durante algum tempo a clínica do primeiro [Miguel Bombarda] no Hospital de Rilhafoles, decidindo-se, porém, pela especialidade de doenças de senhoras.”¹⁶

Ou para deixar registado, na primeira pessoa, o discurso de agradecimento inscrito na sua dissertação de licenciatura: “Terminando estes despretensiosos apontamentos aqui deixo consignada a muita gratidão e respeito que tributo ao Ex.^{mo} Sr. Professor Sabino Coelho, em cuja enfermaria trabalhei durante os dois anos do externato e internato, tendo recebido de S. Ex.^a durante esse tempo exemplos e ensinamento que me esforçarei não esquecer.”¹⁷

Nos alvares da República, Maria do Carmo Lopes, Adelaide Cabete, Emília Patacho, Carolina Beatriz Ângelo, Domitila de Carvalho e Sofia Quintino, representam “Um grupo de médicas”, assim apelidado por Virgínia Quaresma, conhecedora peculiar do “mundo das mulheres”¹⁸. Em rigor, já cada uma tinha revelado qualidades capazes de traduzir o movimento ascendente, que se vinha entretanto a desenhar, traçando perfis para a entrada da mulher em profissões altamente qualificadas, como o caso do exercício da medicina é. Tal facto não terá sido alheio à sua selecção, pois qualquer uma destas se afirmara pela conclusão da licenciatura e defesa de tese. Carolina, a mais nova do sexteto, não lhes ficara atrás, aliás na carreira médico-

hospitalar suplantara as suas pares ao ser a primeira aluna do curso de Cirurgia do Hospital de S. José, vindo a tornar-se a primeira cirurgiã portuguesa.

Ser a primeira cirurgiã do nosso país terá sido um feito assinalável, por variadíssimas razões. Mas tê-lo-á sido justamente pelo perfilar de mulheres e homens ultrapassando o degrau da subalternidade feminina no bloco operatório. Se antes viramos Sofia Quintino a coadjuvar uma operação pela fulguração, Carolina ao passar a protagonista da intervenção cirúrgica, alcançar o patamar da igualdade e simultaneamente abre novos horizontes às futuras gerações de médicas.

Inigualável conquista tornou-a paradigmática e as competências para manusear os instrumentos cirúrgicos não inibiram a faculdade necessária para se tornar prendada em trabalhos de “outras agulhas”, ao invés, destacar-se-á também nessa arte. Foram suas mãos unidas às de Adelaide Cabete que abraçaram a sublime tarefa de gerar, e aconchegar em seus ventres, uma vida nova na plenitude simbólica da bandeira da República, que veriam/fariam nascer.

Dela diremos - Carolina Beatriz Ângelo: cúmplice e conspiradora!

Sem paralelo na história da Maçonaria Universal ultrapassaram a um só tempo o estigma da menoridade feminina, ao serem convocadas debaixo do maior sigilo maçónico, a presidente e a vice-presidente do Grémio Humanidade, como nos dá conta o *Almanaque das Senhoras*: “Devotada às novas instituições, foi ela e a sua ilustre colega D. Adelaide Cabete que por suas mãos fizeram as bandeiras que foram arvoradas no dia 5 de Outubro, e que viram tremular com profundo júbilo”.¹⁹

Os Ridículos, dirigido por Caracoles (Cruz Moreira), insere um soneto encomiástico à nossa homenageada, e de tal forma é emblemático, sobretudo atendendo ao espírito crítico, acutilante e mordaz perpassando toda a vida do periódico, que não nos podemos eximir de o editar, nele encontrando o fecho adequado para epílogo deste nosso ensaio. Carolina capaz de reunir consensos para “as causas das mulheres” também o foi nas hostes masculinas, que a souberam cantar:

“Mulher dantes quebrar do que torcer, / talento, audácia, força e energia, / ciência social e cirurgia... / tomara muito homem de assim ser. / Mulher pela mulher a combater / para que a mulher tenha autonomia, / lutou, furou, estudou de noite e dia, / para como mulher o voto ter! / E quer ser elegível, vai até ao fim, / discute e argumenta com primores / de quem conhece o grego e o latim, / usa o positivismo e não as flores, / se todas as mulheres fossem assim... / era um ar que nos dava, meus senhores!”²⁰

Também o punho de Adelaide Cabete immortalizou a missão que lhes coube na construção do 5 de Outubro:

“Na madrugada de 4 de Outubro de 1910, fui acordada ao som do troar do canhão e da fuzilaria. / A revolução republicana, que devia fazer soçobrar para sempre, um trono carcomido e todo ele coberto de vergonhosas tradições e que os reis da dinastia brigantina não souberam honrar, era um facto. / Desconhecíamos a data certa, conquanto não fosse para nós segredo, que a hora de redenção estaria para breve. / Alegria indescritível. / Mas não menos alegria, experimentamos, eu e a minha amiga e falecida colega, Dr^a. Carolina Beatriz Ângelo, quando o grão-mestre adjunto da Maçonaria Portuguesa, Dr. José Castro²¹, nessa época em exercício efectivo, numa noite de Agosto desse ano redentor e debaixo do maior sigilo maçónico, nos dava o encargo de mandar fazer 20 bandeiras verde-rubras no prazo máximo de 48 horas. / Para maior segredo e evitar qualquer falta ao compromisso tomado, foi por nós proposto que a confecção das referidas bandeiras seria feita só por nós ambas. / Tudo combinado. / No dia seguinte recebia-se a fazenda e, nessa mesma noite, a tarefa estava concluída, 24 horas depois os revolucionários estavam de posse do símbolo sagrado da Revolução. / A revolta deveria estalar no prazo máximo de 48 horas. / E que prazer espiritual, sentir entre mãos, ter bem junto de nós, a bandeira querida, o estandarte glorioso que deveria conduzir à vitória as tropas republicanas! / Com que emoção evoco aquelas horas de trabalho febril, esgotante mesmo! / No Museu da Revolução, lá vimos algumas, juntamente com outras relíquias, quando em piedosa romagem fomos visitá-lo, alguns meses depois fechado, por debaixo de nós todos. / Um dia foi passado sobre o da entrega das bandeiras, mais outro, ainda outro e só no terceiro, lobrigamos um pequeno *suelto* no grande baluarte da República, “O Mundo”, ainda dirigido pelo intemerato e saudoso França Borges, falando da hidra, de tropas de prevenção, etc. / O movimento não tinha sido posto em execução por qualquer circunstância. / Não desesperámos. / Os dias foram passando. / Surge, porém, o 4 e 5 de Outubro. / Não foi surpresa. / Que emoções! / Que alegrias! / E depois as manifestações de regozijo?! / A parte baixa da cidade estava repleta de povo que tinha descido dos seus bairros. / Eram palmas, abraços, vivas, gritos, tudo quanto a efusão de alegria podia fazer para exteriorizar o sentimento íntimo de cada um. / Hora que já lá vão longe e que não tenho esperança de tornar a vivê-las de novo. / E como é bom recordar o passado! / Que fé! / Que esperança! / Que futuro risonho despontava! / Era a República. / Era a realização do ideal de tantos anos de luta, de sacrifícios, de esforços inauditos, de conspirações perigosas e de grandes contrariedades e desfalecimentos. / E já lá vão 10 anos! / Passando hoje a 1.^a década republicana, não queremos deixar de gritar: / Viva a República!”²²

¹ As escadas de sua residência, em Arroios, R. António Pedro, n.º 167, 1.º Andar.

² *A Luta*, 04/10/1911, p. 5, col. 6.

³ *Ibidem*.

⁴ *Idem*, col. 7.

⁵ *O Radical*, 12/10/1911, Leiria.

⁶ “Doutora Carolina Beatriz Ângelo”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, Maio de 1911, p. 2.

⁷ *O Radical*, 12/10/1911, Leiria.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Legenda que acompanha a foto da capa de *Alma Feminina*, n.º 15, Outubro de 1907.

¹⁰ Januário Barreto morre em Junho de 1910, contando somente 33 anos, e Carolina morre a 3 de Outubro de 1911, quando perfazia a mesma idade.

¹¹ *Almanaque das Senhoras*, Ano XLIII, 1912, Lisboa, p. 226.

¹² Processo consultado na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, com a devida vénia à Sr.^a D. Zita Glória a quem devo o profissionalismo manifesto, quer no acolhimento, quer na localização das fotografias de Maria Emília Ângelo Barreto.

¹³ *Almanaque das Senhoras*, Ano XLIII, 1912, Lisboa, p. 226.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ A sua tese pode ser consultada na Biblioteca do Hospital de S. José, *Prolapsos Genitais. Apontamentos*. Dissertação inaugural de Carolina Beatriz Ângelo, Lisboa, [Pap. e Typ. Santos & Magalhães], 1903.

¹⁶ *A Luta*, 04/10/1911, p. 3, col. 6.

¹⁷ Ângelo, Carolina Beatriz, *Op. Cit.*, p. 49.

¹⁸ *O Século. Suplemento Ilustrado*, 12/05/1910, p. 5.

¹⁹ *Almanaque das Senhoras*, Ano XLIII, 1912, Lisboa, p. 226.

²⁰ *Os Ridículos*, Lisboa, 16/08/1911, p. 3.

²¹ Trata-se do Grão-Mestre adjunto do Grande Oriente Lusitano, natural de Valhelhas, concelho da Guarda, conterrâneo de Carolina Beatriz Ângelo.

²² Cabete, Adelaide, “1910”, *Notícias do Norte*, Braga, n.º 73, ano X, 3.ª série, 05/10/1920, p. 3.